

A PROCURA POR EMPREGO NA CONSTRUÇÃO CIVIL: A CENTRALIDADE DAS REDES SOCIAIS

JOB SEARCH IN CONSTRUCTION: THE CENTRALITY OF SOCIAL NETWORKS

Fernanda Flávia Cockell^(*)
Daniel Peticarrari^(**)

RESUMO

Este artigo propõe analisar as estratégias de busca de emprego utilizadas por trabalhadores instáveis, os mecanismos empregados, os tipos de redes e o papel das mesmas para a (re)inserção no mercado de trabalho. A metodologia compreende uma pesquisa qualitativa com 20 trabalhadores da construção de edificações de São Carlos-SP. A partir das trajetórias ocupacionais e da análise das redes sociais foi possível identificar as estratégias de busca de emprego ou de serviço e verificar como, em cada episódio de desemprego, eles tiveram acesso a oportunidades ocupacionais. A revisão bibliográfica sobre redes sociais indicou a importância dos laços sociais nos momentos de desemprego e na procura por emprego. Os resultados das análises qualitativas mostraram a centralidade das redes sociais informais, uma vez que a maioria identificou apenas os contatos pessoais como primordiais na obtenção do trabalho e na obtenção de informações privilegiadas. O papel da família e dos amigos foi decisivo na inserção dos entrevistados neste ramo produtivo, seja pela ajuda recebida, pela indicação do trabalho ou mesmo pela oferta direta de emprego.

Palavras-chave: redes sociais informais, emprego, trajetórias ocupacionais, renda.

ABSTRACT

This article aims to analyze the job search strategies used by unstable workers, the mechanisms employed, the type of social networks and how the social networks helps to (re)integrate them into the labor market. The methodology includes a qualitative study with twenty civil building laborers of São Carlos-SP, Brazil. We studied their occupational trajectories and social networks looking for identify their job search strategies and check how they had access to occupational opportunities. The literature reviews had shown the central role of social support networks in times of unemployment and job search. The qualitative analysis pointed the centrality of informal social networks, since the majority identified personal contacts as crucial in getting the job and getting the inside information. The role of family and friends has been important, for help them to get a job opportunity or to get a direct offer of employment.

Key-words: informal social networks, employment, occupational trajectories, income.

As informações oficiais sobre trabalhadores instáveis⁽¹⁾ são incompletas e mascaram a realidade em virtude da ausência de registros sobre acidentes e doenças que atingem

(*) Pós-doutoranda FAPESP em Sociologia pela UFSCar. Pesquisadora associada ao DS/UFSCar. E-mail: fercocckell@yahoo.com.br.

(**) Pós-doutorando FAPESP em Sociologia pela UFSCar. Doutor em Ciências Sociais pela UFSCar. E-mail: dpeticarrari@yahoo.com.br.

(1) Neste artigo conceituaremos *trabalhadores instáveis*, de acordo com Bihl (1998, p.83), como: massa flutuante de trabalhadores localizados entre o polo de trabalhadores estáveis e excluídos. Os trabalhadores estáveis e com garantias

essa população e sobre as possibilidades de reinserção profissional. As diferentes formas de interpretação e estratificação deste fenômeno, bem como a diversidade dos tipos de contrato de trabalho, dificultam a análise do processo de vulnerabilidade social provocado pelo aprofundamento da instabilidade do mercado de trabalho.

Tal contexto tem demandado a compreensão da lógica que ocasiona a intensificação, precarização e instabilidade do trabalho na contemporaneidade. Para Vasapollo (2005. p. 27), “a nova organização capitalista do trabalho é caracterizada cada vez mais pela precariedade, pela flexibilização e desregulamentação, de maneira sem precedentes para os assalariados”. Tal fenômeno mundial é marcado pela perda contínua dos direitos e garantias sociais. Vasapollo (2005. p. 10) acrescenta que o trabalhador não tem garantia de continuidade, permanecendo em uma “fronteira incerta entre ocupação e não ocupação e também em um não menos incerto reconhecimento jurídico diante das garantias sociais”.

Inseridos nesta realidade, trabalhadores veem transformadas suas trajetórias ocupacionais, forçosamente modificadas pelas novas exigências de qualificação, sendo, por vezes, obrigados a reconverter profissionalmente e buscar oportunidades de trabalho num mercado crescentemente hostil. Ademais, nem sempre a reinserção ocupacional preserva o capital qualificacional acumulado pelo trabalhador no percurso de sua vida produtiva e nem garante o acesso aos direitos trabalhistas e previdenciários, trazendo, também, implicações para suas condições de trabalho e de renda (CARDOSO, 2000; GUIMARÃES, 2004).

Acreditamos que, a partir da análise das trajetórias ocupacionais de operários da construção de edificações, tradicionalmente vulneráveis, poderemos perceber como trabalhadores instáveis, tipicamente localizados entre uma fronteira incerta entre o emprego e o desemprego, articulam-se entre as diferentes esferas de proteção social, estabelecendo, ao longo de suas trajetórias ocupacionais, relações sociais informais capazes de mobilizar recursos diante da debilidade dos mecanismos públicos de proteção, atenuando, desta forma, os momentos de infortúnio.

Este artigo faz parte de um projeto mais amplo que procurou investigar como trabalhadores da construção de edificações da cidade de São Carlos-SP lidam com acasos naturais ou sociais da existência como a procura por trabalho, o desemprego, a instabilidade de renda, o envelhecimento ou afastamento por doenças ou acidentes ocupacionais e o recurso às redes sociais informais⁽²⁾ na resolução dessas questões. No caso específico deste artigo, temos, como objetivo principal, analisar as estratégias de busca de emprego utilizadas por estes trabalhadores, os mecanismos empregados, os tipos de redes e o papel das mesmas.

são aqueles que, por razões jurídicas (assalariados públicos) ou por razões econômicas (assalariados de empresas ou setores mais imunes às crises), não se encontram “ameaçados pela rediscussão da relação salarial fordista”. Para o autor, o “núcleo de trabalhadores estáveis tende a se estreitar e suas garantias tendem a se restringir” à medida que a crise da sociedade salarial fordista se intensifica. Ao mesmo tempo, os proletários excluídos do trabalho ou do mercado de trabalho encontram-se condenados ao desemprego de longa duração.

(2) As redes informais são constituídas pelos laços primários formados pela família nuclear, família extensa, amigos — do âmbito do local de trabalho, das associações, da vizinhança — como também pelos diversos tipos de apoio — econômico, emocional, afetivo, educacional, religioso ou social — proporcionados pelas redes de relações de interdependência, de entajuda e pelas redes não governamentais (MOLLER; HESPANA, 2002; PORTUGAL, 2005; SERAPIONI, 2005).

Guimarães (2002. p. 109) sugere que “as estratégias de busca do emprego têm nas redes sociais constituídas, seja nas experiências de trabalho, seja nos momentos de desemprego, especialmente a partir do grupo familiar, outro importante fator de explicação do êxito na obtenção de um novo posto de trabalho”. Neste quadro, as redes sociais informais têm um papel fundamental na provisão de recursos para os trabalhadores “excluídos” do sistema de seguridade social, principalmente para aqueles cuja renda mensal inviabiliza o custeio das formas mercantis de proteção social. Entendemos por redes sociais informais o “conjunto de interações espontâneas passíveis de descrição num dado momento, que aparecem num contexto definido pela presença de certas práticas mais ou menos formalizadas”. Opõem-se ao conceito de rede social formal, em que as interações são organizadas mais explicitamente, “traçando-lhes uma fronteira ou limite, conferindo-lhes um nome e gerando, assim, um novo nível de complexidade, uma nova dimensão” (MINHOTO; MARTINS, 2001. p. 91).

1. PERCURSOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa teve como forma de abordagem a pesquisa qualitativa, devido à natureza do problema a ser estudado, da complexidade do objeto de estudo e do recorte da pesquisa. A verificação de cunho qualitativo possibilita ao pesquisador compreender as representações de um determinado grupo, analisar as relações estabelecidas entre diferentes atores sociais e apreender seus valores, ideias, concepções e “senso comum” sobre temas específicos (MINAYO, 2004).

De acordo com Marteleto (2001), o estudo das redes pode ser aplicado na análise de diferentes situações e questões sociais, permitindo apreender os elos informais estabelecidos pelos indivíduos através das suas interações uns com os outros. Segundo Emirbayer e Goodwin (1994. p. 1414), trata-se de uma estratégia ampla para investigar uma estrutura social, não se configurando em uma “teoria formal ou unitária que especifica leis, proposições ou correlações distintas”. Na mesma direção, Rosas (2001) afirma que, o estudo das dinâmicas das relações humanas demanda a abordagem das redes sociais e dos laços de intercâmbio e ajuda mútua. Não pretendemos analisar graficamente as redes sociais, nem mesmo seus limites ou seus agrupamentos. Almejamos, sim, através da análise das redes sociais informais, entender como os trabalhadores da construção de edificações estabelecem relações entre si e com outros atores sociais e como percebem o apoio social recebido.

As entrevistas ocorreram nos meses de novembro de 2006 a março de 2007 na cidade de São Carlos-SP, Brasil. Restringimos a amostra pesquisada por tempo de serviço no setor de, no mínimo, cinco anos e idade mínima de 25 anos, excluindo, desta forma, os biscateiros (desempregados recentes, sem especialização). Limitamos o número de trabalhadores entrevistados em vinte⁽³⁾, quando percebemos que as informações obtidas ao longo das entrevistas começaram a se repetir em conteúdo, nada mais acrescentando

(3) Ao escolhermos a pesquisa qualitativa não buscávamos uma representatividade numérica, mas sim o aprofundamento da compreensão de como um grupo social específico (trabalhadores instáveis da construção civil) vivencia o aprofundamento da instabilidade e da precariedade das condições de trabalho.

às informações obtidas, alcançando a “saturação qualitativa” (GONDIM; LIMA, 2002). Todos os nomes utilizados são fictícios, preservando, assim, a identidade dos entrevistados.

Juntamente com a elaboração do projeto, iniciamos a revisão bibliográfica sobre os principais temas abordados. Após estas etapas, elaboramos o roteiro de entrevista com questões semi-estruturadas contemplando perguntas sobre: perfil sócio-demográfico; história ocupacional pregressa; história ocupacional na construção de edificações; relações contratuais e de trabalho; estratégias de proteção mercantis e não mercantis utilizadas, planejadas ou acessíveis aos operários; história pregressa sobre desemprego; tipos de apoio recebido, redes utilizadas e estratégias colocada em prática pelos trabalhadores diante do desemprego. A escolha pela entrevista semi-estruturada ocorre em função de sua maior flexibilidade. Além de permitir ao entrevistado expor experiências e ideias sobre o assunto tratado, sem resposta ou condições prefixadas rigidamente pelo pesquisador, possibilita ao entrevistado responder com as suas próprias palavras e pela ordem que lhe convier, cabendo ao pesquisador orientar o diálogo quando o informante se afastar dos objetivos iniciais (MINAYO, 2004).

2. UMA BREVE REVISÃO SOBRE REDES SOCIAIS

A maneira pela qual o termo rede social é abordado depende da definição conceitual do mesmo, do campo de estudo e do foco de interesse da investigação (ROSAS, 2001). Marteleto (2001), explica que desde os estudos clássicos até os mais recentes não há uma “teoria de redes sociais”, sendo o conceito utilizado por diversas teorias sociais, seja como metáfora da estruturação das entidades na sociedade, seja como método para a descrição e análise dos padrões de relações nelas presentes através do mapeamento e estudo das redes sociais.

Existem, na literatura, várias definições de redes sociais criadas por estudiosos oriundos das mais diversas áreas e dotados de modos de pensar distintos e, muitas vezes, conflitantes. Uma revisão bibliográfica sobre o tema mostra que o conceito de rede social vem sendo empregado tanto em pesquisas de natureza quantitativa quanto qualitativa. Áreas de conhecimento como antropologia social, sociologia, economia, engenharia de produção, tecnologia da informação, matemática aplicada, administração, saúde, religião, ecologia, entre outras, valem-se da ideia de rede social e empregam metodologias próprias de acordo com o objeto de estudo.

Barnes (1987), um dos precursores do uso sistemático do conceito de rede, afirma que até a década de 50, o conceito de rede era apenas utilizado metaforicamente. O autor cita os trabalhos de Radcliffe-Brown nos anos 40. Barnes (1987) explica que Radcliffe-Brown fazia analogia às estruturas sociais como “uma rede de relações que existem efetivamente” e Fortes atribuía a ideia de que o parentesco e laços de afinidades formam uma “teia” (BARNES, 1987. p. 164). Os estudos dos seus predecessores o auxiliaram no seu trabalho empírico, publicado em 1953, sobre a análise de uma aldeia de pesca. Nesta pesquisa, ele emprega a ideia de rede social para descrever como os indivíduos utilizavam laços sociais de parentesco e amizade e como a noção de igualdade de classes sociais era aplicada em Brennes — comunidade de pesca localizada na Noruega.

Barnes (1987. p. 161) afirma que a “rede social pode ser útil no exame de vários tipos de situações sociais”. Ele explica que a diversidade de contextos sociais em que a ideia de rede social passou a ser utilizada leva a uma multiplicidade de conceitos em torno do termo, pois cada novo pesquisador tenta refinar a ideia de rede social e agrega uma nova interpretação às pesquisas anteriores. Conceitua rede como “conjunto de relações interpessoais concretas que vinculam indivíduos a outros indivíduos” (BARNES, 1987. p. 167). Propõe o mapeamento das redes e a mensuração da densidade e dos limites das redes para proporcionar maior precisão e quantificação na descrição de situações empíricas. Para o autor, este conceito é apropriado em situações em que “indivíduos são continuamente requisitados a escolher sobre quem procurar para obter liderança, ajuda, informação e orientação” (BARNES, 1987. p. 163).

Na mesma época, destaca-se o trabalho Bott (1957). Barnes e Bott eram antropólogos sociais e, através do estudo de contextos diferentes, demonstraram a importância das redes sociais na análise de situações sociais. Tais autores passaram a empregar empiricamente a ideia de rede social, não mais limitada ao seu uso metafórico. Na mesma época, pesquisas na área da matemática aplicada, através da “teoria dos gráficos”, descrevem as ligações entre membros de um sistema social. Segundo Souza (2003), esta dupla origem no uso do termo corroborou para a popularização do conceito de redes sociais.

Em sua pesquisa, Bott (1976) analisa as variações nos papéis conjugais e nas redes sociais em vinte famílias urbanas inglesas. A autora mostra que as variações no relacionamento entre marido e esposa relacionam-se com o meio social imediato da família, constituído por uma rede de diferentes relações informais com seus amigos, vizinhos e parentes e com instituições sociais. Bott (1976. p. 211) define a rede como “uma configuração social em que algumas, mas nem todas, das unidades externas componentes mantêm relações entre si”. Ao analisar a conexidade⁽⁴⁾ das redes sociais, Bott mostra que o grau de segregação conjugal varia diretamente com o tipo de rede, ou seja, de acordo com o padrão de relações mantido pelos membros da família com as pessoas externas. Para ela, quanto mais estreita é a malha da rede da família, mais segregados são os papéis do marido e da esposa.

Nos anos seguintes, um grande número de trabalhos sobre redes ganha visibilidade. Os trabalhos de Barnes e Bott tornam-se referência e como afirma a própria Bott — na versão ampliada do seu livro *Família e rede social* — antropólogos americanos e ingleses desenvolveram vários estudos empíricos após os anos 50 influenciados pelos estudos clássicos sobre redes sociais. Uma infinidade de contextos sociais passa a ser examinado através da análise das redes sociais, como diferenças estruturais entre sociedades tribais, urbanas e rurais; processos políticos; classes sociais; análise de processos de urbanização ou de mudanças rápidas em sociedades complexas; manutenção de valores; relação entre um mercado e sua periferia; associações voluntárias; organizações de trabalho; organizações industriais, entre outros (MAYER, 1966 *apud* BARNES, 1987; BOTT, 1976) .

(4) Para Bott (1976. p.76), a conexidade da rede é a “extensão em que as pessoas conhecidas por uma família se conhecem e se encontram uma com as outras, independente da família”. Nas redes de “malha estreita”, há muitas relações entre as unidades componentes e nas redes de “malha frouxa” existem poucos relacionamentos deste tipo. Posteriormente, Bott passa a utilizar o termo densidade da rede em substituição ao termo conexidade.

Dentro da “nova sociologia econômica” destaca-se o trabalho de Granovetter (1995) sobre como duzentos e oitenta e dois trabalhadores do subúrbio de Newton, Boston, conseguiram seus empregos. Em seu estudo, Granovetter mostrou que o encontro entre demandantes e ofertantes de trabalho se realizava em 56% através de um contato social como amigos, parentes, ou conhecidos, 18,8% por procedimentos pessoais, como anúncios e agências de emprego e 18,8% por candidaturas espontâneas. Demonstra como as redes sociais informais possibilitam o acesso a informações ocupacionais pertinentes na busca por uma vaga de trabalho e na mobilidade ocupacional.

Em um trabalho anterior, Granovetter (1973) introduziu novos conceitos de rede e classificou os laços sociais existentes como fracos (*weak ties*), aqueles nos quais o investimento é menor ou nulo, como, por exemplo, os encontrados entre os indivíduos participantes de um grupo ou associação, e fortes (*strong ties*) definidos como aqueles nos quais os indivíduos despendem mais tempo, intensidade emocional e trocas, por exemplo, os mantidos com seu círculo familiar e amigos. Os laços fracos de relacionamento são apontados por Granovetter como os mais eficientes no processo de busca por emprego ao conectar os indivíduos a uma maior gama de informações e conhecimentos relativos às oportunidades disponíveis. As pessoas que possuem laços fortes encontrariam-se mais motivadas a ajudar, porém compartilham de um mesmo círculo social, enquanto, as pessoas com laços sociais mais fracos estão estruturalmente localizadas conectando, assim, vários grupos sociais.

Ao comparar a realidade da região metropolitana de São Paulo com outras duas metrópoles mundiais, Paris e Tóquio, Guimarães (2003) aponta que os contatos pessoais adquirem notável relevância na busca por emprego, contrapondo-se à ideia de Granovetter (1973) sobre a relevância dos laços fracos. Para ela, os laços fortes e fracos são igualmente mobilizados, sendo que, no contexto brasileiro, destaca-se o papel dos parentes e amigos mais chegados. Guimarães (2003) acrescenta que os achados da confrontação das trajetórias ocupacionais observadas, em três tipos de mercados de trabalho sob distintos regimes de *welfare*⁽⁵⁾, mostram quão vastos são os recursos mobilizados na procura de trabalho. Em São Paulo, prevalecem os contatos pessoais estabelecidos pelas redes sociais, notadamente através dos elos fortes do grupo familiar e dos amigos mais chegados, seguido pela prospecção direta junto às empresas. No Japão, os mecanismos principais de procura de trabalho são consultas a jornais ou revistas e agências públicas de emprego. Enquanto na França, o contato direto com as empresas é o principal mecanismo de procura de trabalho.

Lima e Conserva (2006) pesquisaram a utilização das redes sociais como estratégia de entrada e permanência dos trabalhadores no mercado de trabalho, comparando dois contextos distintos de trabalhadores com baixa qualificação e escolaridade: trabalhadores formais fabris (têxteis e do vestuário) e trabalhadores informais (ambulantes). Os autores

(5) Guimarães (2003. p. 04) diferencia os três tipos de regime da seguinte maneira: Paris, “um sólido e inclusivo sistema público, como o erigido na França, cujo ápice coincide com os chamados ‘trinta anos gloriosos’ de expansão capitalista no pós-guerra”; Japão, “um pujante, conquanto seletivo, sistema privado de proteção, estabelecido, no Japão, durante a vigência do chamado ‘modelo de emprego vitalício’”; Brasil, “uma recente e restrita experiência de proteção ao desemprego, como a brasileira, que se constituiu no curso da redemocratização do fim dos anos 1980, e que se erigiu sobre a base de um mercado onde predominavam intensas transições entre ocupações e, nessas, uma situação de assalariamento restrito”.

mostram a importância das redes sociais na inserção no mercado de trabalho em ambos os grupos pesquisados, com predomínio das redes de malha estreita. Assim como Guimarães (2003), os resultados encontrados se contrapõem à hipótese da importância dos laços fracos defendida por Granovetter (1973). Para Lima e Conserva (2006) “os laços fracos seriam mais funcionais junto a trabalhadores de ‘classe média’, mais qualificados e escolarizados e que participam, por sua origem social, de um número maior de redes sociais obtendo informações de fontes diversas e de forma diluída” (p. 94).

As pesquisas sobre redes não se limitam apenas ao estudo de suas relações com o mercado de trabalho. Diversos pesquisadores vêm mostrando o papel das redes de apoio social⁽⁶⁾ nas comunidades de migrantes (DURHAM, 1984; LAUTIER; PEREIRA, 1994), na relação saúde versus doença (SLUZKI, 1995; VALLA, 2000; ANDRADE, 2001; PORTUGAL, 2005), no enfrentamento de situações adversas (BOISSEVAIN, 1987; MOLLER; HESPANA, 2002; SOUZA, 2003, COCKELL, 2008), como estratégias de sobrevivência (BILAC, 1979; GERHARDT, 2003) e no suporte social, emocional ou religioso (PIETRUKOWICZ, 2001; CHOR *et al.*, 2001; BURITY, 2006; RIBEIRO, 2006).

Estudos realizados com populações pobres da América Latina (DABAS, 1993; ROSAS, 2001; SALAZAR CRUZ, 1996) e da África (DAVA *et al.*, 1998) demonstram o papel das redes na obtenção de rendas, despendidas segundo critérios constituídos no núcleo familiar, com o objetivo de atender da melhor forma possível às necessidades dos seus diversos membros, como, por exemplo, o aumento do número de membros ativos. As pesquisas não se restringem apenas aos tipos de organização familiar, uma vez que procuram, também, analisar as práticas de trabalho, de consumo, a forma de acesso a oportunidades e as estratégias⁽⁷⁾ utilizadas pelas comunidades locais para aumentar o rendimento e reduzir as despesas, para ter acesso privilegiado aos concorridos empregos temporários e para aumentar o número de apoios através do investimento nas redes primárias de solidariedade.

Moller e Hespána (2002) analisaram o sistema de redes sociais em seis países europeus (Portugal, Espanha, Bélgica, Holanda, Inglaterra e Dinamarca). Em cada país, foram encontradas algumas especificidades. O caso espanhol revela que a família extensa constitui a base fundamental da pertença social, possuindo forte papel na inclusão ou reinclusão no mercado de trabalho. Em Portugal, os autores identificaram também elevada capacidade de inclusão da família extensa, sendo frequente aos desempregados ajudarem parentes ou mesmo vizinhos. Observaram que as estratégias de ajustamento dos dinamarqueses são muito diferentes das dos portugueses e refletem a existência de uma sociedade de serviços, em que a maioria das pessoas ativas ou desempregadas vive sozinha. O estudo de caso inglês mostrou que o trabalho em tempo parcial provê um rendimento essencial; capaz de satisfazer certas necessidades e, permite, além disso, um tempo de trabalho

(6) Apoio social é “qualquer informação, falada ou não, e/ou auxílio material oferecidos por grupos e/ou pessoas que se conhecem e que resultam em efeitos emocionais e/ou comportamentos positivos. É um processo recíproco, ou seja, que gera efeitos positivos tanto para o recipiente, como também para quem oferece o apoio, dessa forma, permitindo que ambos tenham mais sentido de controle sobre suas vidas” (MINKLER, 1985 *apud* VALLA, 2000).

(7) Na década de 70, eram denominadas de “estratégias de sobrevivências”, “estratégias de reprodução” ou “estratégias familiares”; termos já em desuso.

flexível. Por outro lado, os estudos de caso da Dinamarca e da Bélgica indicam que uma parte significativa dos desempregados reinseridos no mercado de trabalho passa a fazer trabalho voluntário (próximo de 1/3 na Bélgica e 1/5 na Dinamarca).

Boissevain (1987) investigou a maneira pela qual as relações interpessoais são estruturadas e influenciadas na Itália, destacando a importância das redes de relações interpessoais em momentos de adversidade. O autor afirma que a rede de relações nasce com o indivíduo e por ele é construída, permitindo manipulá-la para atingir metas e resolver problemas enquanto, ao mesmo tempo, são manipulados pela sua própria rede. Para Boissevain a rede de relações não é somente a fonte dos problemas sociais dos indivíduos, pois, também fornece a matéria-prima com a qual devem resolver seus problemas.

No Brasil, Gerhardt (2003) pesquisou as formas de enfrentamento da população de baixa renda da cidade de Paranaguá-PR. Analisou como esta população lida com suas condições econômicas e restrições alimentares e concluiu ser frequente o apelo a diversos tipos de solidariedade familiar, de vizinhança e da comunidade. Nas regiões onde os laços de parentescos encontram-se mais distantes, a autora constatou o desenvolvimento de uma forma de rede mais comunitária, com o surgimento de relações clientelistas, paternalistas e de dependência. Em tal contexto, a população usufrui ao máximo a ajuda fornecida pelos serviços sociais da prefeitura, das igrejas, e das relações interpessoais. De maneira semelhante, Souza (2003) estudou a dinâmica das redes sociais em situações de pobreza na cidade Leopoldina-RJ e identificou a solidariedade e a configuração de redes sociais como espaço de legitimação e fortalecimento frente ao poder público. Verificou que, ao buscarem soluções para os problemas da população pobre, os grupos esbarram em entraves que vão além das suas possibilidades de enfrentamento. Aponta as redes como uma possível via de contribuição para a construção de práticas em Saúde Pública e formulação de políticas públicas integradas com realidades locais.

Ribeiro (2006) explica que, diante da ineficácia das políticas sociais implementadas no Brasil, uma grande parcela de cidadãos brasileiros, pertencentes às classes mais populares encontram-se excluídos ou deparam-se com grande dificuldade de acesso ao sistema de seguridade social. Estes sujeitos passam a mobilizar as redes de apoio social como estratégia capaz de minimizar ou atender suas necessidades, bem como para enfrentar os problemas e aliviar as cargas da vida cotidiana. Segundo a autora:

No mesmo processo em que as redes de apoio contribuem com o fortalecimento dos sujeitos através da construção da autonomia, também se fortalecem enquanto coletivo, enquanto teia de relações e de interações, onde a solidariedade, o apoio mútuo, a reciprocidade, o compartilhamento de saberes e de poder, a reflexão crítica e a participação política vão apertando os nós destas redes (RIBEIRO, 2006. p. 13).

Andrade (2001) relata que, nos países em desenvolvimento, as redes tornam-se, frequentemente, a única possibilidade de ajuda com que as famílias carentes podem contar. A autora analisou o caso do grupo “Lutando para viver”; associação de pacientes e amigos de uma instituição hospitalar. Suas conclusões apontam como o apoio social

deste grupo possibilita ganhos para os pacientes em termos de assistência e qualidade de vida. De acordo com Santos (2001), na ausência de um Estado-providência forte é a Sociedade-providência, através da mobilização das redes de interconhecimento, de reconhecimento mútuo e entreajuda, que garante às classes populares recursos pessoais e coletivos e habilidades de enfrentamento capazes de gerar mudanças.

Para Serapioni (2005), a crise do 'bem-estar social' trouxe a 'redescoberta' das redes primárias e da comunidade como atores fundamentais na efetivação das políticas sociais, desempenhando funções assistenciais e de cuidado, através: 1. do fortalecimento de relações que produzem saúde ou incrementam a capacidade de enfrentar eventos críticos e mobilizar recursos adequados; 2. do desenvolvimento da capacidade de manutenção e promoção de relações de suporte social no âmbito do parentesco extenso, da vizinhança e do associacionismo de ajuda mútua; 3. do melhoramento do acesso aos serviços de saúde, graças a sua função de mediação e de conhecimento das oportunidades e dos critérios de acesso.

Portugal (2005) estudou o papel das redes sociais na produção de bem-estar e analisou os tipos de laços ativados no acesso aos cuidados de saúde, buscando entender a força das relações informais e a fragilidade da relação formal entre o Estado e os cidadãos. Embora a pesquisa tenha sido realizada na Europa, cujo contexto é distinto do Brasil, os resultados mostram que as deficiências da provisão dos cuidados públicos são abrandadas pelas redes informais de solidariedade. Os indivíduos utilizam laços sociais interpessoais para obter serviços públicos de saúde eficientes e de qualidade, o que, segundo a autora, deveria ser garantido pelo Estado. A argumentação de Portugal (2005) é bastante pertinente também para se compreender os efeitos das mudanças do sistema de Seguridade Social sobre os indivíduos e sobre a sociedade. Ao afirmar que "*quem tem amigos tem saúde*", a autora demonstra que um sistema baseado em redes informais ao mesmo tempo protege os atores sociais que fazem parte das redes e ignora aqueles que se encontram excluídos da rede, corroborando com a reprodução das desigualdades sociais.

Em situações de casos naturais ou sociais, além das redes primárias de solidariedade, outras redes informais desempenham o papel de proteção social. Burity (2006) mostra que as organizações religiosas desenvolvem ações de enfrentamento de situações adversas, como, por exemplo, ações de combate à pobreza no plano local. As instituições religiosas se inserem nas redes de articulação social através das antigas formas de filantropia, assistencialista e paternalista e por meio de experiências mais afinadas com o discurso da cidadania e da solidariedade situado na esfera pública não estatal em que as ONGs e as associações populares são as referências principais.

Pietrukowicz (2001) pesquisou como as práticas espíritas Kardecistas configuram-se em uma expressão do apoio social, buscado identificar o efeito deste apoio na saúde dos envolvidos. Constatou que o apoio social é promovido tanto pelos participantes que interagem entre si, quanto pelos dirigentes religiosos. Os resultados confirmam que esta forma de instituição religiosa oferece alternativas ao enfrentamento de sofrimentos do corpo, da alma e daquilo que mistura as duas dimensões da perda da saúde no homem.

Na mesma direção, Valla (2000) explica que o apoio social contribui para manter a saúde das pessoas, em situações de stress, ao desempenhar uma função mediadora. Permite que os indivíduos contornem a possibilidade de adoecer como resultado de determinados acontecimentos, tais como: morte de um familiar, perda da capacidade de trabalhar, ou após ser despejado da casa onde se reside por muitos anos (VALLA, 2000. p. 41). Assinala outra possibilidade das redes, por ele denominado de “duplo caminho”; ao mesmo tempo em que os grupos populares adotam estratégias para resolver problemas, cobram a responsabilidade governamental.

O apoio social pode, ainda, colaborar na redução da mortalidade, na redução da incidência de alguns tipos de doença, na aquisição de hábitos saudáveis e aumento da sobrevivência após diagnósticos de doença coronariana, câncer e acidente vascular cerebral (CHOR *et al.*, 2001). Para Sluzki (1995), é preciso conhecer as relações existentes entre a saúde física e mental do indivíduo e a composição de sua rede pessoal.

A partir da literatura citada, podemos inferir que cada pessoa poderá experimentar, de forma singular, em maior ou menor grau, perdas importantes de laços sociais (viuvez, separação amorosa, desemprego, mudança de moradia), de acordo com o tipo de vínculo entre os indivíduos e com o grau de inserção em grupos formais e informais de proteção social. Acreditamos, portanto, que cada entrevistado perceberá, diversamente, os casos da existência, dependendo do tipo de ancoragem social (*social anchorage*) disponível, da capacidade de manter novos contatos e das suas habilidades na manipulação das redes sociais no enfrentamento dos problemas. Diante desta afirmação, os próximos itens procuram analisar o papel das redes sociais na procura por emprego entre os trabalhadores instáveis da construção de edificações de São Carlos.

3. O PERFIL DOS ENTREVISTADOS

Participaram da pesquisa vinte trabalhadores da construção de edificações da cidade de São Carlos-SP, Brasil, homens, entre 26 e 74 anos, com idade média de 44,5 anos. Destes, doze são casados, três vivem em união consensual, quatro solteiros e um viúvo.

A classificação profissional foi feita pelos próprios entrevistados, não tendo como critério a faixa salarial nem o registro em carteira, sendo: 1 pintor, 1 ajudante de pintor, 2 montadores de escoramento metálico, 3 serventes, 2 ajudantes de pedreiro, 7 pedreiros e 4 pedreiros responsáveis pelo acabamento da obra.

A maior parte dos entrevistados tem baixo nível de escolaridade formal. Doze não completaram o 1º grau e apenas três finalizaram o segundo grau, sendo que um deles tem ensino superior completo. Não entrevistamos nenhum trabalhador analfabeto. Porém, chama atenção o fato que, entre os trabalhadores que completaram a quarta série do primário, três estudaram apenas o primeiro ano.

Três trabalhadores não têm filhos e os demais têm, em média, dois filhos. O número de dependentes por entrevistado é alto, entre três a seis dependentes. Quanto às condições de moradia, onze trabalhadores moram em casa própria, com exceção de um entrevistado que ainda está financiando a casa onde reside. Dois trabalhadores moram com os pais,

um com os avós e seis pagam aluguel, representando, no caso dos serventes, até a metade da renda mensal. As rendas obtidas pelos membros da família são, às vezes, reunidas em um orçamento comum e despendidas de acordo com as necessidades da família. Em relação à renda das esposas, observamos que entre os quinze trabalhadores casados ou com união conjugal estável, somente sete esposas trabalham. Em todos os casos, o salário da esposa é inferior ao marido. Por outro lado, apenas uma esposa não possui carteira de trabalho registrada. A renda mensal das esposas é de 1 a 2 salários mínimos (salário mínimo da época era de R\$ 350,00), excetuando uma das esposas. A maioria dos entrevistados se considera chefe da família, devido à função de provedor, por serem os mais velhos, responsáveis pela família e em razão do gênero masculino.

Antes de trabalhar na construção de edificações, todos os operários desempenharam outras funções. Dezoito trabalhadores iniciaram suas atividades no campo, nem sempre remunerados, principalmente, quando o empregador era o pai ou outro membro da família. Do campo até a construção, foram vários os caminhos trilhados pelos dezoito entrevistados de origem rural. Do total pesquisado, doze entrevistados trabalharam em empresas metalúrgicas na cidade de São Carlos antes de começarem na construção civil e um entrevistado continuava trabalhando ao mesmo tempo em uma metalúrgica e na construção civil. É imperioso mencionarmos que a cidade de São Carlos é conhecida pelo seu polo científico e tecnológico em virtude das pesquisas de ponta na Universidade de São Paulo (USP) e na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), e devido à aglomeração de empresas de alta tecnologia. Atualmente, a atividade industrial da cidade é marcada pela presença de grandes indústrias como a fábrica de motores Volkswagen, Tecumseh do Brasil especializada na produção de compressores herméticos, indústria de geladeiras e fogões Eletrolux e pela Faber Castell, fabricante de produtos escolares.

Atualmente, estes operários trabalham sob vários tipos de vínculos — empregados próprios, terceiros, autônomos — sendo remunerados por hora, semana, empreitada ou tarefa. Os vínculos de trabalho são bastante heterogêneos. Três trabalhadores foram contratados por construtoras da cidade através da CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas) por tempo indeterminado, entre eles: Anderson e Douglas, montadores de escoramentos metálicos, e Diego, especializado em acabamento final. Já Antônio foi contratado por uma igreja católica, pela disposição da CLT, por tempo determinado, ou seja, durante o período da obra, com duração máxima de um ano e meio. Todos os demais entrevistados declaram não ter assinado ou estabelecido nenhum tipo de contrato escrito com os empregadores, como empreiteiros, engenheiros e construtoras, ou com os contratantes do serviço.

4. O PAPEL DAS REDES INFORMAIS NA PROCURA POR EMPREGO

Durante o trabalho de campo, buscamos, sistematicamente, avaliar como os entrevistados encontravam serviço a cada episódio de desemprego ao longo da suas trajetórias ocupacionais. A ideia inicial era questioná-los sobre a obtenção do último emprego no setor de edificações e sobre os tipos de mecanismos utilizados, porém a riqueza de detalhes das histórias relatadas permitiu também avaliar como a população pesquisada teve

acesso às oportunidades ocupacionais, como e onde procuraram trabalho e, principalmente, qual o papel das redes sociais.

Analisando o modo como trabalhadores profissionais, técnicos e administrativos encontravam um emprego, Granovetter (1995) constatou três diferentes tipos de mecanismos: *meios formais* [tradução minha para *formal means*] como agências de emprego e anúncios, os quais exercem a função de intermediários entre os ofertantes e demandantes de emprego; *contatos pessoais*, quando o indivíduo conhece pessoalmente a pessoas que informaram sobre a oportunidade de emprego ou quem o recomendou para ocupar a vaga ofertada; *candidatura espontânea* [tradução para *direct application*], quando o trabalhador procura diretamente os empregadores, sem utilizar contatos pessoais ou meios formais. Os resultados encontrados por Granovetter (1995) mostram que os contatos pessoais são preferidos pelos trabalhadores devido à qualidade das informações obtidas neste tipo de relação. Ou seja, um amigo não limita sua descrição somente sobre a vaga disponível, pelo contrário, expõe minuciosamente detalhes sobre o local e os colegas de trabalho, sobre o chefe, sobre as oportunidades de ascensão e sobre a situação da companhia.

A partir da classificação utilizada por Granovetter (1995), questionamos aos trabalhadores como eles procuram um novo trabalho quando ficam desempregados. As opções de resposta foram: pergunta aos colegas e/ou familiares; procura no jornal; vai direto nas obras; procura agências de emprego; procura lojas de material de construção; distribui currículo; e outros. A maioria dos entrevistados afirma utilizar, simultaneamente, os contatos pessoais e a candidatura espontânea para ter acesso às informações ocupacionais. Explícaram procurar emprego a partir das informações obtidas com amigos e ex-colegas de profissão, ao mesmo tempo em que procuram empreiteiros da região e empresas de construção, através da candidatura espontânea ou via indicação da rede de relações. Matheus exemplifica tal situação:

Por exemplo, na hora que eu acabar aqui, se eu for demitido, eu já saio atrás de outro. Tem vez que eu procuro aqui em São Carlos, tem vez que eu tenho que ir procurar em Ibaté. Eu saio assim mesmo pela rua, sem saber para onde. Saio procurando, é assim sempre. Eu falo com gente de obra onde eu vejo areia na porta, vou à construção, vou pegando informação. Saio falando para todo mundo, eu falo também para os amigos e tem sempre um que diz que em tal lugar assim ou assado está precisando (Matheus, pedreiro).

Apenas o entrevistado Isaac afirmou utilizar as agências de emprego e anúncios em jornais para encontrar vagas de emprego. Entretanto, conforme nos relatou, não utiliza tais meios formais para procurar emprego na construção civil, uma vez que:

Desde que fiquei desempregado, eu mando meu currículo como tratorista. Procurei também como ajudante de caminhão, carga e descarga. Um me chamou, mas o salário estava baixo. Aí apareceu a chance de fazer bico na construção. Continuo indo às agências de emprego atrás de serviço como tratorista. É o que eu gosto. Nunca olhei no jornal, nem nas agências, vaga na construção, procuro como tratorista. Na construção, a gente consegue com a indicação dos amigos ou conversando com quem contrata (Isaac, pedreiro).

Para Lautier e Pereira (1994), os anúncios de jornal e os cartazes colocados na frente das obras e as agências formais não são as formas mais usuais de mobilização da força de trabalho na construção civil. Sobre a candidatura espontânea via prospecção individual junto às construtoras, empreiteiras de mão de obra e escritórios de engenharia e arquitetura, os entrevistados explicam que nem sempre são bem recebidos. A falta de referência parece ser, na construção civil, um forte limitador para obtenção de emprego, principalmente, quando os ofertantes são as grandes construtoras, pois:

No desespero, quando nenhum colega seu sabe de alguma vaga, a gente começa a bater de porta em porta. Só que esta forma de procurar emprego bom, com carteira, é muito fraca. Fraca porque os caras só assinam a carteira quando conhecem a gente. Nenhum engenheiro contrata sem pedir os antecedentes criminais. Pode perguntar, todo mundo passa por isso. Se você já é conhecido de alguém da obra é mais fácil. Alguém vai falar para eles que você é de confiança (Isaac, servente).

A comprovação dos antecedentes criminais impede o entrevistado Thiago a procurar “bons trabalhos”, ou seja, no seu ponto de vista, “uma tragédia” o impossibilita arranjar emprego com carteira assinada. Thiago relata que:

Aconteceu uma tragédia. Não foi no trabalho, mas tive que ficar sem trabalhar. O cara me deu três facadas. Fiquei internado trinta dias, dez na UTI. Só que fiquei com a ficha suja. Eu reagi e machuquei o cara. Se me pedirem antecedentes, sei que não consigo a vaga. Por isso, só procuro empreiteiros ou autônomos como o pintor. Não tenho chance de conseguir um bom trabalho, certinho, com carteira e tudo (Thiago, ajudante de pintor).

Em relação às vagas temporárias ou informais dentro das construtoras, bem como as oportunidades de serviços junto aos empreiteiros ou trabalhadores autônomos, as exigências formais, como antecedentes criminais, educação formal e comprovação de experiência, parecem ser menores. Entretanto, é quase unânime no discurso dos entrevistados a importância da indicação prévia antes de procurarem diretamente os contratantes. Neste caso, a recomendação de um amigo, ou mesmo conhecido, parece quebrar a barreira existente entre o demandante e o ofertante do emprego. Mesmo tendo conhecimento da importância da indicação prévia, Mário explica que, para minimizar a angústia vivenciada nos momentos de desemprego, ele saía diariamente “sem rumo” à procura de serviços junto às construtoras e empreiteiros da região, embora soubesse que suas chances são menores quando não é indicado por alguém da sua rede de relações. Entretanto, em sua fala fica evidente a fragilidade deste mecanismo, segundo ele:

Assim que eu fiquei desempregado, fui a várias obras, gente que você nem conhece. Nem sei quem é. Fui a várias obras perguntando. Mas sempre diziam que não estavam pegando. Já tinham a equipe certa. Eu sabia que precisava chegar lá com a indicação de alguém. Eu desconfio que é por causa da aparência de velho. O Sr. Antenor (empreiteiro) não liga, você vê que ele pega muita gente mais velha. Mas, mesmo para trabalhar para ele, tem que ser conhecido de alguém que ele conhece (Mário, servente).

No entanto, quando questionamos os trabalhadores sobre como conseguiram o emprego atual e se alguém os havia indicado, quase a totalidade dos entrevistados identificou apenas os contatos pessoais como primordiais na obtenção do trabalho, entre eles, amigos, parentes, conhecidos, ex-colegas de trabalho e vizinhos. Ou seja, nenhum dos entrevistados obteve seu emprego atual a partir dos procedimentos impessoais ou por meio de candidaturas espontâneas. Depois de meses desempregado, “indo de obra em obra”, Mário conseguiu seu atual serviço da seguinte maneira:

O Sr. Antenor mora lá perto de casa. A gente já se conhece. Ele [empregado] mora pertinho de casa. Na época, eu fui atrás dele se tinha uns dias de serviço. Depois de bater com a cara na porta de várias obras, eu passei a procurar serviço nas lojas, eu pensava que podia ajudar a esvaziar um caminhão de areia [...] Eu tinha conseguido um serviço em uma loja de material de construção na Vila Prado, um colega meu que trabalha lá disse que estava para sair um de lá. Mas ele falou que ia demorar ainda. Ia demorar um mês. Aí fui olhar com o Sr. Antenor se tinha algum serviço para eu pegar uns dias, ele disse que tinha uns bicos. Só que fiquei até hoje (Mário, servente).

Através dos contatos pessoais, vários entrevistados obtiveram também seus empregos anteriores, antes de começarem na construção civil. Dunga lembra:

Desde que eu cheguei a São Carlos, cada lugar que eu trabalhei eu tive ajuda de alguém. Ou me indicavam, ou trabalhavam no lugar ou eram parentes meus. Na SICOM [Sociedade Intercontinental de Compressores], eu fiz minha inscrição, deixei meu currículo, mas já tinha indicação de um tio e um irmão. Quando pedi para sair de lá, não consegui emprego bom. Fui parar na Bernasconi [loja de eletrodomésticos] porque tinha vários amigos e uma cunhada trabalhando lá. Na Cardinali [fábrica de tubos e conexões] foi à mesma coisa, um primo meu falou do meu interesse para um poderoso de lá. Passei pela seleção, mas já fui com indicação. Voltei a trabalhar na construção com um meio parente meu que registrou minha carteira. Fiquei mais um ano e pouco. Depois, procurei meu tio, ele é o empregado daqui, aí estou com ele desde 96 (Dunga, pedreiro).

Torna-se evidente a importância dos contatos pessoais na busca por emprego. Para Santos (1991), as redes sociais informais desempenham admirável função dentro do mercado de trabalho ao reduzirem os custos da busca por emprego como, por exemplo, gastos com transporte e ao proporcionarem informações relevantes sobre as vagas ofertadas de emprego. Os depoimentos confirmam esta afirmação, porém enfatizam, principalmente, a importância das redes de relações no “fazer conhecido”. Diego explica tal situação:

Acho que nestes oito anos já coloquei muita gente aqui na construtora. Tem baiano para todo lado. Colegas do futebol, gente da minha terra que eu nem conhecia, mas já chegava aqui me procurando, amigos da mulher. Tem sempre um me procurando. Como conquistei o respeito e a confiança do engenheiro,

a construtora prefere colocar aqui dentro gente que alguém já conhece. Então, os caras entram porque são da minha confiança. E, eu aviso, que se eles aprontarem queimam meu filme e vão prejudicar alguém que depois precise também da minha ajuda (Diego, acabamento final).

Lima e Conserva (2006. p. 73) explicam que, ao mesmo tempo em que as redes possibilitam o acesso a informações privilegiadas, podem, dependendo da sua intensidade, como descrito no trecho anterior, “também funcionar como elemento de disciplinarização dos trabalhadores no espaço de trabalho, a partir dos determinantes de confiança que as compõem, tornando-se funcionais no mercado de trabalho”. A respeito de tal afirmação, o entrevistado Diego relata que: “todos que eu coloquei aqui dentro nunca pisaram na bola. Mas eu marco presença. Fico de olho. Meu nome que está em jogo. Os caras confiaram em mim”.

Constatamos também que a proximidade com o contratante pode ser decisiva no momento de concorrer a uma vaga de emprego. Douglas, montador de escoramento metálico, relembra, em detalhes, como conseguiu seu primeiro emprego na serralheria e, depois, seu atual trabalho na construção civil.

Na madeireira foi o Julinho, meu amigo. Disse que estavam precisando na madeireira. Aí, o pai dele me levou para fazer um teste e eu fiquei. O cara me deu o serviço porque via que eu era responsável, o homem da casa. Meu pai tinha largado nós e eu tinha que cuidar das mulheres antes que outro cara desocupado quisesse botar banca lá em casa. Ir cantar de galo no galinheiro dos outros. No leite [fazenda de gado leiteiro], foi minha irmã que conseguiu para mim, na serralheria foi meu amigo, hoje, ele é meu cunhado e aqui o patrão era meu vizinho. Ele estava um dia lá no bar e ele estava precisando de gente para trabalhar com ele. Perguntou para mim se estava parado ou não — aí, eu disse que eu estava ajudando meu cunhado na madeireira. No dia seguinte, eu comecei (Douglas, montador).

Após ser contratado pela empresa de estruturas metálicas, Douglas indicou vários parentes e conhecidos à medida que iam surgindo vagas na empresa de montagem ou nas obras às quais trabalhou na montagem das estruturas. Um dos indicados foi o entrevistado Anderson, primo de sua mulher. Ele lembra que, na época, estava desempregado há meses quando pediu ao Douglas que o informasse assim que surgisse uma oportunidade de emprego.

4.1. Redes de contato: trabalhadores por conta própria e a busca por serviços

A renda dos trabalhadores *autônomos não regularizados e regularizados* da construção de edificações encontra-se subordinada à renda obtida por sua clientela. Para Cacciamali (2000. p. 168), “o nível de atividade, o emprego e os ganhos dos trabalhadores por conta própria dependem, essencialmente, da massa de salários procedente dos empregados com registro e sem registro”. Acrescentamos, a esta afirmação, o papel das redes de relações informais, pois a posição ocupada pelo trabalhador na rede facilita o acesso às informações que nela circula, determinado os tipos de contato estabelecidos, bem como as possibilidades de obter melhores serviços. De acordo com o Moisés, os rendimentos

dos trabalhadores por conta própria se encontram diretamente atrelados à demanda de serviços, pois:

Como autônomo, por exemplo, já aconteceu muitas vezes de você, por exemplo, ter pouco serviço para fazer, só aparece serviço pequeno. Aí, você não tira nem dois salários mínimos. Você não acha um serviço melhor. Há épocas assim em todo o ano. Todo ano. Porque você depende muito da situação do país. O cara que é autônomo é a mesma coisa de você ter uma loja de comércio. É igualzinho, não muda absolutamente nada. Há épocas que você vende bem. Pintar casa de bacana dá mais grana, dá para tirar até dois mil, dois e quinhentos. Mas, quando a situação está ruim, o povo não tem dinheiro, você não vende, né? Complicado, complicado (Moisés, acabamento final).

No discurso do entrevistado Moisés, torna-se evidente que, mesmo nos períodos de austeridade, os operários autônomos do setor conseguem pequenos serviços, como reparos e reformas mais simples, porém, nem sempre obtém o mínimo necessário para a sobrevivência econômica. Nestes momentos, a escassez de recursos é minimizada pela redução dos gastos, pelo empréstimo em banco ou em financeiras, pela compra “fiada”, pela reserva financeira pessoal, pela renda obtida pelos familiares e pela contenção dos gastos. Moller e Hespana (2002) concluíram que, em momentos de desemprego, as pessoas “apertam o cinto”, reduzindo os gastos. Retiram, por exemplo, filhos da escola por não terem condições para pagar as despesas com transporte, vestuário e material escolar. No caso da família de José eles lidam com a instabilidade de renda da seguinte maneira:

Ela trabalha na lanchonete. É mais estável. Com o salário dela a gente paga as contas básicas. Nunca nos endividamos. Às vezes, temos que deixar de pagar as contas básicas do mês na data certa porque ainda não recebi. A gente guarda um pouquinho também, para se acontecer uma coisa dessas tem como ter dinheiro para um mês. Quem é autônomo tem que fazer isto, tem que se garantir por um tempo. Mas, também, se eu ficar parado, a mulher me ajuda. Por isso ela trabalha. Ela segura as contas um pouco. Ajuda ela ter carteira, por exemplo: não tenho que preocupar com a saúde dela, ela tem plano. Eles pagam o plano de saúde dela. O da menina eu pago 80 reais (José, pintor).

Para alguns autores, como Theodoro *et al.* (2000) e Fagiani (2005), o trabalho autônomo na construção de edificações apresenta grande estabilidade no mercado de trabalho, pois a maior parte dos trabalhadores desempenham há anos a mesma atividade. Antônio, pedreiro, explica que, durante quatro anos, trabalhou como autônomo, na época:

Tinha serviço, não voltava para casa sem ter feito alguma coisa. Mas, não dá para viver de trabalhinhos. Eu tinha um bom nome, pegava obras grandes, reformas boas. Conseguia garantir o dinheiro no final do mês. Fiz meu nome, mas tem muita gente que não é conhecida. Não tem indicação. Hoje estou mais tranquilo, o padre me contratou por um ano (Antônio, pedreiro).

Na mesma direção, Francisco explica que:

Nunca fico sem serviço por muito tempo. Na verdade, não chegava a terminar um e ficar dias sem nada. No máximo, eu ficava parado uma semana. Quando

terminava um, muitas vezes tinha outro emendando. Hoje estou mais tranquilo porque tem a metalúrgica. Antes, quando não aparecia nada, tinha que sair na correria. Aí, eu ia atrás de outros colegas que trabalham na área e perguntava se sabiam de alguma coisa, se alguém procurou eles e se eles poderiam me indicar. Como muita gente liga e nem sempre a gente pode pegar, é comum a gente indicar pessoas da nossa amizade para pegar o serviço no nosso lugar. Então, eles faziam o mesmo por mim. Indicavam clientes deles (Francisco, pedreiro).

Entretanto, verificamos que estabilidade de serviços não significa estabilidade de renda. Mesmo os entrevistados mais experientes relataram que, nos últimos anos, começaram a enfrentar maiores dificuldades para conseguir “bons serviços”. O que caracteriza para os entrevistados um bom serviço é a possibilidade de poder cobrar mais caro por um mesmo tipo de trabalho como, por exemplo, nas obras residenciais, em condomínios de luxo, obras comerciais, trabalhos contratados por arquitetos e decoradores, ou quando o cliente é um “bacana”, pois:

O difícil não é arrumar trampo [serviço]. O complicado é arrumar um que vale a pena. Eu posso receber duas vezes mais para levantar casa de bacana. É assim que funciona. Construir uma casa em um bairro dá uma grana boa, mas se for casa de grã-fino, o preço é outro. Tem que cobrar mais, até para valorizar o nosso serviço. Agora, se você vira o preferido de uma arquiteta, você está feito na vida (Danilo, pedreiro).

O pintor José explica que há dois anos passou a cobrar mais pelo serviço prestado, pois vem conseguindo “fazer seu nome” dentro do condomínio residencial em construção:

Na construção, só ganha dinheiro quem trabalha por conta, mas agora está mais difícil começar no ramo, principalmente para grã-fino que contrata arquiteto ou engenheiro. Pintor de pobre paga as contas, pintor de gente rica consegue ganhar dinheiro. Mas trabalhar para engenheiro é melhor que para empreiteiro. Empreiteiro paga menos. Melhor ainda, é pegar direto do dono da casa. Gente rica não quer ter trabalho, aí contrata um que vai atrás da gente. Mas, desde que peguei a primeira obra aqui no Dahma [condomínio residencial], eles olham meu serviço e falam com o arquiteto da obra que querem minha pintura. Estou fazendo meu nome. Tem até madame brigando por mim [risos]. Mas, falando sério, ganho bem mais. O maior trabalho é aguentar frescura de gente rica. Eles fazem a gente repetir mil vezes. Na última obra, ganhei duas vezes, pintei a casa de bege e, depois de pronta, a dona mudou para cor de burro fugido (José, pintor).

Segundo Fagiani (2005), os trabalhadores autônomos da construção sofrem concorrência direta dos “biscateiros recentes”, normalmente, recém-desempregados, e das construtoras ou empresas especializadas. De acordo com a autora, os trabalhadores autônomos desenvolvem estratégias de alargamento da clientela através da organização em grupos, de alianças com o comércio da construção civil e da montagem de redes alternativas individuais de contato para conseguirem concorrer com esses dois grupos.

Conforme constatamos, a renda obtida pelos operários autônomos encontra-se, também, atrelada à facilidade de obtenção de serviços a partir da manipulação das redes de contato. Ao longo dos anos, a instabilidade de serviços vivenciada pelos iniciantes é amenizada, principalmente, devido à ampliação das redes de contato. Nas palavras do Danilo:

Hoje, eu não me preocupo mais de ficar sem serviço. Nunca fiquei sem serviço nenhum. Tem trabalho para quem quer pegar no pesado. Hoje, eu estou construindo aqui, aí a pessoa vê, ou é conhecida do proprietário ou é ex-cliente meu, ou vem por indicação de ex-cliente. Combina comigo que, quando eu terminar este serviço, é para eu procurá-lo. Eu venho emendando trabalhos (Danilo, pedreiro).

Moisés explica que o fato de ministrar aulas em lojas de material de construção o ajuda a manter uma boa clientela, pois os comerciantes costumam indicar seu nome. Além disso, ex-colegas metalúrgicos e da faculdade sabem do seu trabalho e, frequentemente, o procuram. Acrescenta-se, ainda, os contatos informais estabelecidos no bar em que ele frequenta:

O melhor contato é o bar. Todos os dias eu aproveito para beber uma. No bar, frequentam muitos são-carlenses da velha guarda. Como à noite minha mulher trabalha na escola, eu vou sempre lá. Tem muito tempo que só pego trabalho com pessoas que também bebem no bar do Arlindo. Parece desculpa para beber [...] e, é mesmo, mas, se eu ficar sem frequentar lá, perco meu melhores clientes (Moisés, acabamento final).

Antônio explica que, há dois anos, vários ex-clientes dele procuraram outros pedreiros porque não conseguiram encontrá-lo:

Mudei de endereço e perdi muito serviço bom. Todo mundo me procurava em casa quando queria me contratar. Eles já sabiam onde me encontrar. Resolvi morar com minha filha e, muitos, perderam o contato. Só fiquei sabendo tempos depois, quando eles me viam na rua e diziam que ficaram atrás de mim. Neste ramo nosso, a gente não pode dar a chance para o azar (Antônio, pedreiro).

Para garantir a continuidade de serviços e, principalmente, para obter os “bons serviços”, os trabalhadores autônomos entrevistados afirmaram depender do processo de interação continua com ex-clientes, com lojistas do ramo, com engenheiros e arquitetos, com empreiteiros e com possíveis candidatos a futuros clientes (amigos, colegas, vizinhos, conhecidos). Ou seja, precisam manter uma rede de troca e de relações de favor, fazendo circular, dentro da rede de relações, informações sobre o trabalho por eles desempenhado. Desta forma, conseguem ter seu trabalho indicado e, em alguns casos, obtêm, em primeira mão, informações privilegiadas sobre novos empreendimentos ou possíveis clientes. Além disso, recebem indicações de outros colegas do ramo, que por ventura, não possam realizar o serviço. Antônio explica:

Uma mão lava a outra. Quando aparece serviço e eu não posso pegar, passo para meus parentes. Agora que eu estou aqui fixo na igreja, só estou podendo pegar pequenos serviços para fazer depois do expediente e nos fins de semana. Mas, como sou velho de guerra, aparece muita coisa. Antes, eu passaria para

meus parentes, mas eles estão doentes. Então, ligo para os colegas de longa data e indico pessoalmente o cliente. Sei que se precisasse, fariam o mesmo (Antônio, pedreiro).

Resultados semelhantes foram encontrados por Lima e Conserva (2006), a partir da pesquisa empírica realizada com ambulantes nas cidades de Recife, João Pessoa e Natal. Os autores constataram que os trabalhadores considerados “por conta própria” pela vias institucionais acionam, na sua operacionalização, o sistema de redes. De acordo com eles, as redes entre os trabalhadores ambulantes atuam de diversas formas. Primeiramente, as redes familiares funcionam como mediadores socioculturais na inserção dos seus membros no mercado de trabalho. Em alguns casos, a família se constitui na própria unidade de produção, com um padrão de organização do trabalho, com divisão e distribuição das tarefas e regras de acordo com sexo, idade e tipo de afiliação na rede de parentesco. Para tornarem ambulantes, os trabalhadores não só reeditam a rede familiar, como a convertem em um coletivo de rede, podendo, desta maneira, conseguir o aumento da clientela. Por último, as redes possibilitam o acesso às mercadorias comercializadas pelos vendedores, uma vez que eles se organizam para comprar conjuntamente as mercadorias, obtendo condições mais satisfatórias.

4.2. As redes de relações para os migrantes

No caso específico dos trabalhadores migrantes, observamos o papel fundamental das redes informais na integração dos entrevistados no meio urbano e a influência dos laços fortes no momento de chegada. Entre os entrevistados migrantes, os contatos com parentes ou conhecidos, já estabelecidos na cidade de São Carlos, foram preponderantes na obtenção de informações sobre onde e como buscar emprego. Como expresso na fala de Diego:

A gente já sai da terra da gente com possibilidade de arrumar alguma coisa. Os parentes da gente começam a procurar para gente. Para a gente chegar tendo alguma coisa. Consegui entrar na empresa através de um tio. Primeiro, ele arrumou para meu irmão. Meu irmão começou a trabalhar na empresa, alguém perguntou para ele se não tinha mais alguém. Eles preferem perguntar para quem já é de confiança se conhece alguém. Assim, evita de aparecer gente metida em confusão. Perguntou para meu irmão, ele me indicou e eu entrei, e estou até hoje (Diego, acabamento final).

No mesmo sentido, outro entrevistado relata:

Quando a gente chega, os parentes recebem a gente. Dão lugar para dormir, comida e saem com a gente para procurar emprego. Eles têm mais maldade, mostraram aonde a gente deveria ir, que lugar procurar. Meus primos me acompanharam. Me mostraram até o tipo de roupa que tinha que vestir e como eu tinha que falar (Expedito, servente).

Durham (1984) lembra que é por meio dos grupos de relações primárias que o migrante obtém e ordena informações sobre oportunidades existentes de emprego. O grupo de relações primárias funciona como mediador entre os indivíduos e a sociedade

mais ampla, atuando como “o único ponto de apoio com o qual o migrante conta para iniciar o processo de ajustamento às novas condições de vida” (p. 184). Em algumas circunstâncias, a carreira do migrante fica, segundo Durham (1984. p. 186), condicionada “pela experiência ocupacional do grupo de relações primárias do qual participa”. Como exemplificado no depoimento abaixo:

Fui o primeiro a chegar em São Carlos. Quando vim do Paraná, tinha dois cunhados na construção, mas eles ficavam na capital. Hoje, um deles continua trabalhando e o outro passou para jardinagem. Tem também um cunhado que está afastado. Tem outro cunhado em São Paulo. Tenho seis cunhados e todos trabalham na construção (...) Depois que vim, o resto todo já vinha com indicação. Assim, cada parente que chegava conseguia emprego na construção. Aqui em São Carlos, tenho um cunhado que trabalha como autônomo, mas ele está tendo dificuldade de arrumar emprego. Quando ele chegou na cidade, ficou com a gente até conseguir se arrumar. Ele já veio com emprego, eu arrumei para ele. O outro cunhado também veio porque eu consegui vaga para ele. Só que agora ele está afastado porque ele teve um problema. O músculo daqui [aponta no braço — região do bíceps] caiu. Ele está afastado, está tendo dificuldade porque não está podendo trabalhar. A mão dele perdeu a força. Cada um que chega ajuda o outro. Se precisar, a gente vai sempre ajudar. Todo mundo pode precisar um dia (Antônio, pedreiro).

A partir das entrevistas realizadas, constatamos a formação de redes fundadas nas comunidades de origem geográfica. Predomina, no caso dos entrevistados, migrantes baianos, mineiros e paranaenses. Observando a trajetória dos entrevistados, a maioria tinha conterrâneos das suas cidades trabalhando em São Carlos, na época da migração. Entretanto, uma parcela dos trabalhadores migrou sem nenhum contato prévio. Quando o entrevistado Antônio deixou o Paraná para trabalhar na cidade de São Carlos, não conhecia ninguém na cidade. Anos depois, trouxe sua esposa e, com o tempo, à medida que iam surgindo oportunidades, foram migrando, um a um, os cunhados do Antônio para trabalhar no setor.

Entre os entrevistados sem nenhum tipo de contato na cidade de São Carlos, o início da carreira na cidade não esteve condicionado à rede de relações pessoais. Neste caso, para conseguirem emprego, os trabalhadores buscaram encontrar, junto aos possíveis empregadores, as oportunidades de emprego. Exedito lembra que quando chegou na cidade na década de 70, foi atrás de serviço “de fábrica em fábrica”.

Durham (1984. p. 184) argumenta que o migrante procura, primeiramente, os parentes mais próximos ou amigos, porém, na falta destes, “apela para amigos de parentes ou parentes de amigos”. O migrante não possui conhecimento sobre as características gerais do mercado de trabalho e não está equipado para utilizar instituições burocráticas ou meios formais como agências de emprego, limitando suas possibilidades apenas aos contatos pessoais. João Batista esclarece que:

Na hora do aperto, quando você chega numa cidade diferente, conhecido distante vira amigo de infância. Lembro que, no desespero, quando não arrumava emprego, liguei para a família na Bahia e peguei o endereço do sogro de um

conhecido meu que já estava alguns anos em São Paulo. Bati na casa dele e pedi ajuda, pedi para ele me ajudar, me indicar trabalho. Ele me levou até uma obra e me apresentou. Fiquei lá dois anos na capital, passei muita dificuldade. Voltei para Bahia e um dia retornei para cá. Só que, desta vez, eu tinha um primo na cidade. Ele me arrumou serviço de servente. Depois, quando fiquei desempregado novamente, tive ajuda de outro parente, um sobrinho que já estava trabalhando na construtora. Ele falou de mim (João Batista, acabamento).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crescente demanda por maior qualificação profissional e educação formal em todas as esferas da produção — do setor primário ao terciário — vem diminuindo as possibilidades de emprego formal para este perfil de trabalhador, ainda que, por ora, com baixa escolaridade (se compararmos como os trabalhadores dos outros setores), porém, qualificado profissionalmente e cada vez mais condenado à informalidade. Assim, dentro das novas configurações do trabalho, a construção de edificações deixa de ser, no caso dos entrevistados de São Carlos, apenas uma opção para migrantes recém-chegados de origem rural, para aposentados ou um “bico” para os recém-desempregados, uma vez que passa a ser uma opção de emprego e de renda para profissionais especializados marginalizados do mercado formal de trabalho, como os ex-metalúrgicos entrevistados.

Os trechos acima mostram como, diante das situações de crise, os entrevistados mobilizam novamente as relações pessoais formadas pelas comunidades de origem, mesmo quando já estabelecidos na cidade, tanto para obter informações sobre emprego, quanto para pedirem outros tipos de ajuda. No caso dos trabalhadores migrantes, o apoio social percebido e recebido nos momentos de crise encontra-se fortemente condicionado aos elos estabelecidos entre os migrantes de origem comum.

A acessibilidade a informações privilegiadas sobre novas vagas de emprego, juntamente com a proximidade com o contratante, oferece, para tais sujeitos, vantagens competitivas quando comparados com os demais demandantes de emprego. Para Lautier e Pereira (1994, p. 139), “o grau de acesso às informações sobre o mercado de trabalho constitui um dos mecanismos de diferenciação social”. De fato, conforme relatado pelo empreiteiro Antenor, ao recrutar seus trabalhadores, ele sempre “dá preferência” aos conhecidos. Tal afirmação pôde ser confirmada no depoimento dos seus trabalhadores. Paulo começou a trabalhar para Antenor, através da indicação do seu irmão, que, na época, trabalhava como pedreiro para Antenor. Marcos conheceu o empreiteiro porque “ele pegou um serviço onde a minha mulher trabalha e eu tinha saído da empresa, eu trabalhava de pedreiro, aí minha esposa indicou eu para ele”. Isaac já era conhecido do “gato” desde a época da construção de uma casa na rua onde ele mora. Quando ficou desempregado, “eles eram muito conhecidos meus. Sabiam que eu estava passando necessidade. Aí, eles me chamaram para fazer uns bicos”. Além destes entrevistados, como descrito anteriormente, Mário é vizinho do empreiteiro Antenor e o entrevistado Dunga é seu sobrinho.

Guimarães *et al.* (2004) afirmam que o acionamento das redes sociais possui notável relevância à medida que o contato entre ofertantes e demandantes de trabalho não se

realiza exclusivamente pelos meios mercantis de difusão de informação, mas é “subproduto de outras relações sociais que não tem dimensão mercantil”. De acordo com os resultados do estudo piloto, realizado na região metropolitana de São Paulo, em 25 mil domicílios, entre 1997 a 2001, os autores apontam que, para cada dez indivíduos, sete consideram as informações obtidas junto a familiares, amigos e conhecidos como a forma mais corrente de buscarem trabalho. Acrescentam, ainda, que tal mecanismo se mostrou mais eficaz na obtenção do último emprego, resultados semelhantes aos encontrados durante as entrevistas com os operários da construção civil.

Para Lautier e Pereira (1994. p. 132), as redes não são complementos aos mecanismos de mercado, não são os instrumentos reguladores nem perturbadores do mercado, pois não conseguem explicar como um conjunto de trajetórias ocupacionais se transforma em um “sistema”. A hipótese levantada pelos autores é que o “sistema de representação do trabalho e do mercado de trabalho (sistema que tem nas redes um dos elementos de sua reprodução) assume o papel de instância reguladora”. Diante desta hipótese, argumentam que “a existência das redes de acesso ao emprego não caracteriza um tipo único de regulação do mercado de trabalho; uma regulação pelas representações, tanto quanto uma regulação institucional, mobiliza tais redes”.

Na mesma direção dos estudos apresentados por Guimarães (2003), Guimarães *et al.* (2004) e Lima e Conserva (2006), pudemos constatar que, entre os recursos que efetivamente permitiram a obtenção do último emprego, às redes sociais apresentam-se mais funcionais, com destaque para os laços fortes, contrapondo-se aos achados de Granovetter (1973). Para o autor, são as relações fracas que ampliam os limites das redes, através da difusão das informações entre grupos que não têm ligações entre si.

Conforme observamos, somente os entrevistados Pedro, Lucas e Matheus não possuem parentes ou amigos próximos trabalhando na construção civil. Para os demais entrevistados, os elos fortes se revelaram, em algum momento da trajetória profissional, mediadores na inserção profissional na construção. Chama a atenção o fato dos laços fortes tornarem-se ainda mais relevantes quando avaliamos como começaram a trabalhar no setor. O papel da família e dos amigos mais próximos foi decisivo na inserção dos entrevistados neste ramo produtivo, seja pela ajuda recebida, pela indicação do trabalho ou mesmo pela oferta direta de emprego.

No caso específico dos autônomos, o tipo de rede mobilizada parece determinar o rendimento médio dos trabalhadores e, conseqüentemente, influencia diretamente a percepção dos trabalhadores sobre a instabilidade por eles vivenciada. Quando as redes se configuram relativamente estreitas, os trabalhadores autônomos encontram maiores dificuldades para obter “bons serviços” e, por vezes, também não conseguem “emendar um trabalho no outro”. Nestas circunstâncias, de acordo com a percepção dos entrevistados, passam a enfrentar maior instabilidade de renda e o sentimento de medo sobre o incerto passa a prevalecer. Além disso, passam a vivenciar maiores dificuldades para manter seus “negócios” em períodos conjunturais de crise, bem como em momentos de variações econômicas.

Mostramos, então, que as redes informais foram fundamentais para apoiar os entrevistados na procura por trabalho na cidade de São Carlos, no acesso aos serviços e na renda

obtida no caso dos autônomos. A família nuclear e as redes formadas na consanguinidade, na identificação comunal (mesma cidade de origem) e na identificação religiosa preponderaram conforme demonstrado nas entrevistas, desempenhando função privilegiada dentro do mercado de trabalho, funcionando como um “centro de emprego” para este perfil de trabalhador.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Gabriela Rieveres Borges de. *Grupo de apoio social no hospital: o caso do “lutando para viver”*. 2001. 85f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Escola Nac. de Saúde Pública – Fiocruz, Rio de Janeiro, 2001.

BARNES, Jonh. Redes sociais e processo político. In: Feldam-Bianco, B. (Org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas*. 1987, p. 159-189.

BILAC, Elizabete Dória. *Famílias de trabalhadores: estratégias de sobrevivência. A organização da vida familiar em uma cidade paulistana*. São Paulo: Símbolo, 1978. p. 157.

BIHR, Alain. *Da grande noite à alternativa. O movimento operário europeu em crise*. Trad. Wanda Caldeira Brant. 2. ed. São Paulo: Editempo, 1998.

BOISSEVAIN, Jeremy. Apresentando “amigos de amigos: redes sociais, manipuladores e coalizões”. In: Feldam-Bianco, B. (Org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas*, 1987, p. 195-223.

BOTT, Elizabeth. *Família e rede social*. 2. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976. p. 320.

BURITY, Joanildo Albuquerque. *Redes sociais e o lugar da religião no enfrentamento de situações de pobreza: um acercamento preliminar*. Biblioteca Virtual, Consejo Latinoamericano de Ciências Sociais. Disponível em: <<http://www.clacso.edu.ar>> Acesso em: 17 maio 2006.

CACCIAMALI, Maria Cristina. Globalização e processo de informalidade. In: *Economia e Sociedade*, Campinas, n.14, p. 153-174, jun. 2000.

CARDOSO, A. M. *Trabalhar, verbo transitivo*. Destinos profissionais dos deserdados da indústria automobilística. Rio de Janeiro: FGV, 2000, p. 252.

CHOR, Dora; GRIEP, Rosana Harter; LOPES, Claudia; FAERSTEIN, Eduardo. Medidas de rede e apoio social no Estudo Pró-Saúde: pré-testes e estudo piloto. In: *Cad. Saúde Pública*, v.17, p. 887-896, 2001.

COCKELL, Fernanda Flávia 2008. *Da enxada à colher de pedreiro: trajetórias de vulnerabilidade social na construção civil*. São Carlos, SP. Tese de Doutorado. Universidade Federal de São Carlos, p. 206.

DABAS, Elina. *Red de Redes*. Las prácticas de la intervención en redes sociales. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1993. p. 178.

DAVA, Gabriel; LOW, Jan; MATUSSE, Cristina. Mecanismos de ajuda mútua e redes informais de proteção social: estudo de caso das províncias de Gaza e Nampula e a cidade de Mapupo. In: *Pobreza e bem-estar em Moçambique: primeira avaliação nacional (1996-97)*. Instituto Internacional de Pesquisa em Políticas Alimentares. Dezembro 1998. Disponível em: <<http://www.ifpri.org/portug/pubs/ppubs.htm>> Acesso em: 30 set. 2006.

- DURHAM, Eunice Ribeiro. *A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1984. p. 245.
- EMIRBAYER, Mustafa; GOODWIN, Jeff. Network analysis, culture and the problem of agency. In: *American Journal of Sociology*, v. 99, n. 6, p. 1411-1454, 1994.
- FAGIANI, Carina. *Trabalho informal: um balanço bibliográfico dos estudos de casos*. Monografia de fim de curso, UFSCar, São Carlos, 2005.
- GERHARDT, Tatiana Engel. Situações de vida, pobreza e saúde: estratégias alimentares e práticas sociais no meio urbano. In: *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 8, n. 3, p. 713 -726, 2003.
- GONDIM, Linda Maria Pontes; LIMA, Jacob Carlos. *A pesquisa com Artesanato Intelectual*. Considerações sobre Método e Bom Senso. João Pessoa: Manufatura, 2002. p. 87.
- GRANOVETTER, Mark. *Getting a job*. A study of Contacts and Carres. 2. ed. Chicago: The university of Chicago Press, 1995.
- GRANOVETTER, Mark. The strength of weak ties. In: *American Journal of Sociology*, Chicago, v. 78, n. 6, p. 1360-1380, maio, 1973.
- GUIMARÃES, Nadya Araújo. *Caminhos cruzados*. Estratégias de empresas e trajetórias de trabalhadores. 1 ed. São Paulo: Editora 34, 2004. p. 408.
- GUIMARÃES, Nadya Araújo. *Desemprego: trajetórias, transições e percepções*. Comparando mercados de trabalho sob distintos regimes de welfare (São Paulo, Paris e Tóquio). Centre for Brazilian Studies, University of Oxford, Working Paper 59, 2003. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/sociologia/nadya>> Acesso em: 19 abr. 2007.
- GUIMARÃES, Nadya Araújo. Por uma Sociologia do desemprego. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 17, n. 50, São Paulo, out. 2002.
- GUIMARÃES, Nadya Araújo *et al.* Transições ocupacionais, recorrência do desemprego e desigualdade de sexo e de cor, São Paulo numa perspectiva comparada. Comunicação. In: Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais, 8, *Painel 50*, Coimbra, p. 15-18, set. 2004.
- LAUTIER, Bruno; PEREIRA, Jaime Marques. Representações sociais e construção do mercado de trabalho: empregadas domésticas e operários da construção civil na América Latina. In: *Caderno CRH*, Salvador, v. 7, n. 21, p. 125-151, jul./dez. 1994.
- LIMA, Jacob Carlos; CONSERVA, Marinalva de Souza. Redes sociais e o mercado de trabalho: entre o formal e o informal. In: *Revista de Ciências Sociais*, n. 24, p. 73-98, abr. 2006.
- MARTELETO, Regina Maria. Análise de redes sociais — aplicação nos estudos de transferência da informação. In: *Ciência da Informação*, v. 30, n. 1, jan./abr. 2001.
- MAYER, Adrian. The significance of quasi-groups in the study of complex societies. In: *The social anthropology of complex societies*. Londres: Tavistock Publications, 1966. p. 97-122.
- MINAYO, Maria Cecília Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 8. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2004.
- MINHOTO, Laurindo Dias; MARTINS, Carlos Estevam. As redes e o desenvolvimento social. In: *Cadernos Fundap*, n. 22, p. 81-101, 2001.
- MOLLER, Iver Hornemann; HESPANA, Pedro. Padrão de exclusão e estratégias sociais. In: *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 64, dez. 2002.

PIETRUKOWICZ, MARCIA CRISTINA LEAL CYPRIANO. *Apoio social e religião: uma forma de enfrentamento dos problemas de saúde*. 2001, 129f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública). Escola Nacional de Saúde Pública, Fiocruz, Rio de Janeiro, 2001.

PORTUGAL, Silvia. Quem tem amigos tem saúde: O papel das redes sociais no acesso aos cuidados de saúde. In: *Simpósio “Família, Redes Sociais e Saúde”*, Hamburgo. *Anais*. Abril de 2005.

RADCLIFFE-BROWN, Alfred Reginald. Sobre relações jocosas. In: *Estrutura e função na sociedade primitiva*, Capítulo IV, 1940.

RIBEIRO, Kátia Suely Queiroz Silva. As redes de apoio social e a educação popular: apertando os nós das redes. In: *UFPB Educação Popular*, n. 06 Disponível em: <<http://www.anped.org.br/27/gt06/t068.pdf>> Acesso em: 12 jul. 2006.

ROSAS, Rócio Enriquez. Social Networks and urban poverty. In: *Development and Society*, v. 30, n. 2, p. 41-56, dez. 2001.

SALAZAR CRUZ, Clara Eugenia. Relaciones extradomésticas en los hogares populares de la periferia de la ciudad de México. In: *Sociológica*, n. 11, v. 2, 1996.

SANTOS, Boaventura Souza. *Pela mão de Alice — o social e o político na pósmodernidade*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 348.

SANTOS, Félix. *Redes sociales y mercado de trabajo*. Elementos para uma teoria del capital relacional. Madrid: CIS- Siglo Veintiuno, 1991.

SERAPIONI, Mauro. O papel da família e das redes primárias na reestruturação das políticas sociais. In: *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 10 (sup.), p. 243-253, 2005.

SLUZKI, Carlos. De cómo la red social afecta la salud del individuo y la salud Del individuo afecta a la red social. In: DABAS, E.; NAJMANOVICH, D. (Orgs.) *Redes, el lenguaje de los vínculos*. Argentina: Paidós, 1995.

SOUZA, Heloisa Cardoso Wanick Loureiro de. *Subsistência alimentar em situação de pobreza: a percepção de representantes de grupos religiosos, participantes de redes sociais na região da Leopoldina*. 2003. 213 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública). Escola Nacional de Saúde Pública, Fiocruz, RJ, 2003.

THEODORO, Mário *et al.* *Atividades informais: evolução e condicionantes atuais — o caso dos trabalhadores autônomos do Recife*. Texto para Discussão n. 864, IPEA, Rio de Janeiro, mar. 2002.

VALLA, Victor Vincent. Redes sociais, poder e saúde à luz das classes populares numa conjuntura de crise. In: *Comunicação, Saúde, Educação*, v. 4, n. 7, p. 37-56, 2000.

VASAPOLLO, Luciano. *O trabalho atípico e a precariedade*. São Paulo: Expressão Popular, 2005. p. 120.

AGRADECIMENTO

À Capes pelo financiamento de parte da pesquisa.

Recebido em 13 de novembro de 2009.

Aceito em 15 de janeiro de 2010.